

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

## **A MULHER NEGRA NAS ORGANIZAÇÕES: GÊNERO, RAÇA E TRABALHO<sup>1</sup>** **THE BLACK WOMAN IN ORGANIZATIONS: GENDER, RACE AND WORK**

**Caroline Soares De Mello<sup>2</sup>, Rebeca Souza Borges<sup>3</sup>, Carolina Baldissera  
Gross<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no componente curricular do curso de Psicologia, Vida Psíquica e Organização: Análise e Intervenção, realizado no 1º semestre de 2019.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí, 10º semestre.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí, 3º semestre.

<sup>4</sup> Docente do Componente Curricular Vida Psíquica e Organização, do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí, Departamento de Humanidades e Educação.

### **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, o mercado de trabalho tem sofrido as influências e os impactos da globalização, surgindo, daí, desafios sociais em relação aos processos de exclusão dos grupos vulneráveis ao longo da história, principalmente em relação à trabalhadora negra. Pesquisas comprovam que embora no Brasil a maioria da população seja composta por pessoas negras e pardas, tal proporção não é verificada no meio laboral, onde são constatados diversos tipos de discriminação.

(...) o trabalho assalariado no Brasil, é coisa extremamente recente, tem pouco mais de cem anos. Porque durante quatro quintas partes da história brasileira o trabalho foi totalmente gratuito, ou seja, o trabalho era escravo. É uma instituição notavelmente recente no Brasil a do trabalho assalariado e que, ainda assim, não abrange uma parte muito considerável do Brasil. (FREITAS, 2000).

A discriminação da trabalhadora negra no mercado de trabalho é traduzida na forma desigual de acesso ao emprego, às posições de ocupação no mercado de trabalho, nas diferenças salariais e nas atividades desenvolvidas. Abordaremos, portanto, o porquê e como uma categoria racial influi na categoria profissional, pois a profissionalização da mulher negra exige uma constante prova da sua capacidade e a ameaça permanentemente de desqualificação da profissão que exerce.

### **METODOLOGIA**

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, buscando artigos sobre a mulher negra nas organizações, tendo como fonte de pesquisa o Banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e bibliografias que abordam esta temática. Dessa forma, o método de pesquisa utilizado neste trabalho é classificado como pesquisa explicativa, pois tem como preocupação central explicar o porquê da realidade apresentada e identificar os fatores que contribuem para a ocorrência de tais fenômenos.

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas relações profissionais, a mulher enfrenta a diferença sexual transposta ao trabalho. O corpo da mulher é tido como frágil e, por isso, restritivo ao trabalho. Dessa forma, são designadas “profissões femininas” que complementarizam ou substituiriam o falicismo implicado na maternidade. De acordo com Lacan (1975/1982), lidar com o feminino é uma tarefa eterna às mulheres, já que ele está inscrito como o inconsistente, o não todo fálico na tábua da sexuação, o que exige uma constante inventividade para dar consistência ao seu ser.

Assim como as mães, o mercado espera das mulheres uma gratificação não financeira e sim um gozo pelo lugar fálico que a função materna propicia. As regras do mercado ditam que o produto do trabalho feminino deve ser a função bem desempenhada: pacientes satisfeitos e bem alimentados e alunos bem educados, tais quais filhos bem criados. (MEES, 2000)

Dessa forma, através do corpo, se justifica a dominação e a discriminação, pois ao obter o controle dos corpos negros o capitalismo europeu e atlântico se estruturou e se mantém até a atualidade.

O capitalismo socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. (FOUCAULT, 1996)

A escrava era usada não apenas como produtora dos bens materiais, mas também como reprodutora de mão de obra, ou seja, o papel econômico que lhe foi imposto era o de parir escravos para aumentar o plantel do senhor. A mulher negra foi presa fácil do sistema falocrático, da violência e do sadismo que daí resultou.

Após a abolição dos escravos, as mulheres negras continuaram trabalhando nos setores mais desqualificados, recebendo salários baixíssimos e péssimo tratamento. Segundo Priore e Bassanezi (2004), na década de 70, as trabalhadoras pobres eram consideradas profundamente ignorantes, irresponsáveis e incapazes, tidas como mais irracionais que as mulheres das camadas médias e altas, as quais, por sua vez, eram consideradas menos racionais que os homens. No imaginário das elites, o trabalho braçal, antes realizado em sua maior parte pelos escravos, era associado à incapacidade pessoal para desenvolver qualquer habilidade intelectual, portanto, trabalhadoras femininas como operárias e empregadas domésticas eram estigmatizadas e associadas a imagens

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

de perda moral, de degradação e prostituição.

Enquanto as mulheres negras participaram igualmente com os homens negros na luta pela sobrevivência ingressando na força de trabalho sempre que fosse possível, elas não defenderam o fim do sexismo. As mulheres negras do século XX, aprenderam a aceitar o sexismo como natural, um dado, um facto da vida. Nas pesquisas realizadas entre as mulheres negras nos anos trinta e quarenta do século XX quando lhes foi perguntado o nome da força mais opressiva nas suas vidas, o racismo e não o sexismo foi colocado no início da lista (HOOKS, 1981).

Atualmente, sua condição social quase não se alterou, mesmo depois da abolição e da formação do mercado de trabalho livre no Brasil, pois essa substituição dá-se de uma forma particularmente excludente e um grande número de mulheres negras trabalham entre empregadas domésticas, cozinheiras, vendedoras de rua e prostitutas. Os serviços domésticos ainda são um elo entre a escravização e a contemporaneidade. Existem ainda mulheres que não conseguem romper com esse lugar de servidão. Casos como este, podem levar a tentativas de suicídio por não conseguir lidar com esta ruptura de vínculo.

Retomamos o pensamento de Foucault (1996) para refletir sobre o conceito de raça a partir dos efeitos práticos dos dispositivos de poder que se articulam com discursos locais para constituírem configurações naturalizadas de poder-saber. A existência desse dispositivo de biopoder opera na sociedade brasileira como instrumento definidor das funções no sistema produtivo. Neste cenário, nos deparamos com uma das formas de exclusão dos negros que é o racismo epistêmico o qual se caracteriza pelo assassinato e a recusa da produção de conhecimento de determinados povos, no caso do Brasil, o negro e indígena. Portanto, de acordo com Sueli Carneiro:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. (CARNEIRO, 2005)

Por conta das opressões de raça e gênero, o epistemicídio tem efeitos nefastos sobre as

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

mulheres negras para a produção de conhecimento dentro das universidades, que seguem uma lógica branca e masculina. Mulheres negras e seus feitos são deixados de lado e até banidos de alguns ciclos de conhecimento, principalmente acadêmicos.

Tratando-se de saúde mental, duas dimensões são atacadas diretamente através da violência racial: a identidade e a autoestima. Não possuindo referenciais identitários valorizados na nossa sociedade e sendo rebaixadas nos cargos empresariais, resta às mulheres negras se identificarem com a sua “inferioridade natural” ou reivindicar para si um ideal de ego branco. O sofrimento psíquico no racismo é um sofrimento de quem não pertence e não se pertence.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo-se do princípio racista de que a escravidão é fonte de todos os males, única responsável pela ignorância e intolerância da população pobre, de cor, conclui-se que a marginalização do negro decorre de sua inferioridade racial e da marca que lhe deixou a experiência negativa do trabalho cativo. O horror que adquiriu ao trabalho não o permite mais adaptar-se. Livre, não quer mais trabalhar e é visto como “vagabundo por opção”. Dessa forma, o ex-escravo se vê diante de uma liberdade inteiramente angustiante estando em um “não-lugar”, sendo um “não-ser”, não visto e destituído de voz.

Diante desses dispositivos de biopoder que gerenciam a vida da população conforme um olhar racial demanda-se, a fiscalização das políticas afirmativas de combate à discriminação. Também é fundamental colocar em pauta o avanço do debate sobre a diferença salarial entre homens e mulheres e o comprometimento das empresas a respeito da equidade racial nos seus espaços.

Percebemos que é inviável não pensar e estudar profundamente sobre a saúde mental de populações socialmente oprimidas, principalmente mulheres negras em relação ao mercado de trabalho e os efeitos do racismo estrutural e institucional na subjetividade dessas pessoas. As teorias utilizadas pela maioria dos profissionais de Psicologia são oriundas de países europeus ou dos Estados Unidos. Propõe-se uma universalização do desenvolvimento humano e excluem completamente o legado cultural dos povos asiáticos, africanos e indígenas. Assim, as formas de subjetivação da população de baixa renda do Brasil, que tem forte influência das populações africanas e indígenas, podem ser vistas como patológicas, e as expressividades dos comportamentos também podem ser vistas como inadequadas. Conforme Mário Corso (2000):

Estamos em uma dessas fronteiras imprecisas, que tendem a armadilha entre pensar a gênese como individual ou social. É necessário esclarecer essas diferenças, pois as consequências avirão de como as concebemos. Corremos o risco de psiquiatrizar alguma escolha de vida ou, num outro extremo, de não ajudar alguém que está numa deriva da qual não sairá sem auxílio. (CORSO, 2000)

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

É preciso, por fim, que os profissionais da Psicologia saibam que o racismo existe em nossa sociedade e afeta de forma decisiva a nossa forma de compreender o mundo. Assim, é fundamental para o profissional entender como o racismo atravessa a sua compreensão de mundo, bem como a subjetividade da pessoa atendida.

**Palavras-chave:** gênero, raça, trabalho, Psicologia

**Keycode:** gender, race, work, Psychology

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser.** Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

CORSO, Mário. **Andarilhos, mendigos e loucos.** Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Genealogía del racismo.** La Plata: Editorial Altemira, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

FREITAS, Décio. **Formas da escravidão no Brasil.** Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 2000.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher:** Mulheres negras e feminismo. Editora: Elefante, 2014.

MEES, Lucia Alves. **Existe o Trabalho da Mulher?** Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 2000.

OLIVEIRA, Marcella Pereira. **O feminino e suas nuances:** uma relação entre o conceito de devastação e a violência contra a mulher. Revista Mental, Barbacena, v.12 n. 22, jan./jun. 2018  
Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272018000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272018000100005). Acesso em: 27/06/2019.

PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2004.